

# Quando o feminismo é pós-moderno

## Pós-modernismo e política

---

HOLLANDA, Heloisa B. de. (org.)

---

Rio de Janeiro: Rocco, 1991, 273 p.

---

## A poética do pós-modernismo

---

HUTCHEON, Linda. Tradução de Ricardo Cruz.

---

Rio de Janeiro: Imago, 1992, 331 p.

---

O termo pós-modernismo continua causando desconforto e muita dúvida a quem se propõe identificá-lo. Talvez por sua instabilidade no que se refere à compreensão de uma teoria, talvez por uma série de polêmicas que há mais de duas décadas vêm se estendendo em torno dele, ou, talvez, pelo gigantesco raio de mudanças que pretende abranger. Da concepção da obra de arte ao feminismo, da crítica à razão iluminista às minorias, da literatura aos movimentos étnicos, qualquer discussão nova os partidários do termo tentam incluir em sua seara. Ao passo que seus detratores tentam reduzi-lo a puro continuísmo histórico ou neoconservadorismo(\*). É essa a primeira impressão que nos causa a leitura dos livros Pós-modernismo e política e A poética do pós-modernismo, lançados no mercado brasileiro, respectivamente, no segundo semestre de 1991 e no primeiro deste ano.

Pós-modernismo e política, coletânea de oito textos organizada por Heloisa Buarque de Hollanda, foi o primeiro a oferecer ao público brasileiro esse debate. Através do artigo "Pós-modernismo e as relações de gênero na teoria feminista", da norte-americana Jane Flax, o livro apresenta o feminismo como objeto identificado com as noções pós-modernas. Também em A Poética do Pós-Modernismo, de Linda Hutcheon, professora de língua inglesa da Universi-

dade de Toronto, Canadá, o feminismo é introduzido como um grande impacto sobre a orientação pós-moderna, onde as narrativas mestras, as tendências centralizadoras e o pensamento humanista são questionados.

Apesar de a teoria feminista e as noções pós-modernas terem surgido igualmente nos departamentos de literatura das universidades norte-americanas e francesas, percebemos, ao longo dos ensaios, que a aproximação entre os dois projetos é feita com muito cuidado. Mesmo porque, nas décadas de 60 e 70, o feminismo surge como ponta-de-lança dos movimentos sócio-culturais do período, que levaram boa parte dos intelectuais a repensar um novo paradigma cultural. Entretanto, a questão do feminismo e pós-modernismo, hoje, ultrapassa as barreiras dos estudos literários, uma vez que ambos constituem noções teóricas interdisciplinares.

Jane Flax, em seu artigo, e Linda Hutcheon, em seu livro, embora concordem sobre o discurso, modo de pensar e contradições da filosofia pós-moderna, discordam radicalmente da forma com que o feminismo pode ser relacionado a essa teoria. Apesar das divergências, os dois ensaios são unânimes na afirmação do pós-modernismo como uma espécie de receptáculo de todas as mudanças políticas, sociais e principalmente culturais ocorridas nos últimos trinta anos. É nesse viés que o feminismo torna-se (ou associa-se ao) pós-moderno. Jane Flax, assim como Hutcheon, apregoa o fim do iluminismo e coloca em questão a estabilidade do 'eu', a razão da ciência e a verdade absoluta e universal. Entretanto, se para Flax a teoria feminista pode ser considerada um tipo de filosofia pós-moderna, para Hutcheon, feminismo e pós-modernismo não devem ser equiparados. No mínimo, afirma a canadense, as teorias feministas fazem parte dos discursos teóricos que o pós-modernismo compreende.

Mais interessada na questão política e inovadora do feminismo, Linda Hutcheon o introduz como um dos agentes que permitiram dar à história uma nova versão. Sua tese, aliás, é voltada para a problematização da história pelo pós-modernismo. Ao contrário de Flax, Hutcheon mantém o feminismo independente da teoria pós-moderna. "Integrar o projeto feminista ao projeto pós-moderno seria simplificar e desfazer o importante planejamento político do feminismo", afirma.

---

\* Segundo Andreas Huyssen, no artigo "Mapeando o pós-moderno", existe uma tendência de se pensar o "pós-moderno como continuidade do modernismo. Para os autênticos pós-modernistas", no entanto, o termo significa uma ruptura com a tradição modernista, identificada com o novo iluminismo.

Flax, por sua vez, adianta que as noções feministas de ego, conhecimento e verdade são totalmente contrárias àquelas apregoadas pelo iluminismo, sendo, por isso, mais próximas da teoria pós-moderna. "O caminho para o futuro feminista não pode se basear em reviver ou apropriar-se de conceitos do iluminismo". Seu artigo, bastante incipiente em relação ao atual estágio da teoria feminista, é dividido em seis itens, nos quais, além de posicionar o pós-modernismo como única filosofia capaz de interpretar a contemporaneidade, introduz o já conhecido problema das relações de gênero na teoria feminista. Sob o título "Pensando as relações", a autora faz um breve relato da questão vista pelas teóricas francesas, que se baseiam no estudo da linguagem, e das feministas socialistas, que tentam aplicar a teoria marxista ao feminismo, incorporando com isso as falhas históricas do mesmo.

Os dois trabalhos nos deixam dúvidas e a estranha sensação de que a teoria feminista

gravita solitária no meio desse emaranhado de contradições e instabilidades chamado pós-modernismo. Ao incluir a teoria feminista num projeto maior, no caso o pós-modernismo, não se estariam reeditando as idéias totalizantes do iluminismo? E, até que ponto a teoria feminista, assim como as teorias étnicas, não produziram, a partir de um pensamento dito descentralizador, novos centros e modos totalizantes de pensar? A própria Flax levanta a questão ao argumentar que, na teoria feminista, "a busca de um tema definidor da totalidade ou do ponto de vista feminista pode exigir a supressão de importantes vozes de pessoas com experiências diferentes das nossas". Fica claro, no entanto, que apesar dos impasses entre movimento, teoria feminista e pós-modernismo, esse conjunto de idéias vem nos permitindo dar uma nova feição não só à vida cotidiana, como a toda produção e revisão cultural.

VALÉRIA LAMEGO ■

---

## Entre a esperança e o apocalipse

### **A mulher no terceiro milênio. Uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**

---

MURARO, Rose Marie

---

Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992,  
205 p.

---

Em seu último livro, *A mulher no terceiro milênio*, Rose Marie Muraro realiza um autêntico *tour de force*: sintetizar, em pouco mais de 200 páginas e numa linguagem acessível, as grandes linhas do devir humano. Não é, porém, a história oficial que interessa à autora, mas aquela que raramente veio à tona antes das duas últimas décadas. Se a mulher é o fio condutor, a preocupação subjacente é com a humanidade como um todo, na tentativa sempre válida de buscar respostas para as eternas perguntas: quem somos? de onde viemos? para onde vamos? Das indagações sobre as origens à inquietude

quanto ao futuro, é clara a visão da autora: somos parte integrante da natureza, nela surgimos e dela dependemos para subsistir. E talvez a história do patriarcado seja a da negação ou do mascaramento desse vínculo.

Alinhar a história do ponto de vista da mulher é *a priori* uma atitude crítica, pois implica não só preencher as lacunas, transformando ausências em presenças, mas em desconstruir os mitos e visões unilaterais. Nos capítulos sobre as origens, os mitos são apontados: as teorias sobre o reino animal que procuram justificar uma sociedade hierárquica, coercitiva e competitiva; as idéias freudianas (e hobbesianas) sobre a 'horda primitiva' e o dualismo de Lévi-Strauss, ao colocar o tabu do incesto e a troca de mulheres como divisor universal entre cultura e natureza. Nossa existência sobre a Terra abrange uns dois milhões de anos (enquanto o patriarcado só existe há cerca de dez mil anos, ou 0,5%). O despertar da animalidade para a humanidade, com a conquista da palavra falada e da posição ereta, foi muito lento. As pesquisas mais recentes indicam que, provavelmente, nas primeiras culturas, as relações ho-